

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 21/05/2021.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA:
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO HUMANA NO
CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS**

FABIANA MARIA BAPTISTA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Rio Claro
2019**

FABIANA MARIA BAPTISTA

**RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA:
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO HUMANA NO
CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Márcia Reami Pechula.

Rio Claro

2019

B222r Baptista, Fabiana Maria
Relações de gênero e violência simbólica : reflexões
sobre formação humana no contexto das redes sociais /
Fabiana Maria Baptista. -- Rio Claro, 2019
95 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Márcia Reami Pechula

1. Relações de gênero. 2. Formação humana. 3.
Violência simbólica. 4. Redes sociais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Relações de gênero e violência simbólica: reflexões sobre formação humana no contexto das redes sociais

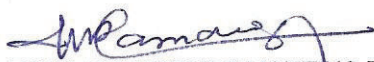
AUTORA: FABIANA MARIA BAPTISTA

ORIENTADORA: MARCIA REAMI PECHULA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARCIA REAMI PECHULA
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. MARIA INES GHILARDI LUCENA
Centro de Linguagem e Comunicação - Faculdade de Letras / Pontifícia Universidade Católica de Campinas / SP

Rio Claro, 21 de maio de 2019

AGRADECIMENTOS

Sempre me considerei uma pessoa grata. Agradeço com frequência ao tempo, aos acontecimentos e sobretudo às pessoas. Hoje, quando penso em um texto de agradecimento, me deparo com uma certa dificuldade, porque percebo que talvez não saberia bem ao certo o que dizer. Acho que poderia começar agradecendo àqueles que me ajudaram a contrariar a certeza que já tive de que eu não seria capaz de finalizar tal projeto. E preciso dizer que boa parte desse duvidar de minha capacidade se deu justamente porque sou uma mulher. Eu não fui educada para estudar, para gostar de ler, investigar, questionar, responder. Fui educada para servir às atividades domésticas, à delicadeza, à maternidade, ao altar, ao casamento. Assim, contrariei quase tudo que esperavam de mim. Se não tinha muitas expectativas nos primeiros dias de vida, é fundamental agradecer aos meus pais - os que me escolheram, os que me disseram sim, que me criaram quando fui dada a eles. Que não me geraram, mas que sem dúvida possibilitaram que eu estivesse aqui para contar esta história.

Às grandes professoras que me inspiraram e me proporcionaram as melhores aulas – Rosa Maria Feiteiro Cavallari, Dalva Maria Bianchini Bonotto e minha orientadora Márcia Reami Pechula, que trocou tanto comigo – nos reconhecemos em tantas coisas, nos percebemos e eu, sem dúvida, cresci tanto desde que esse encontro aconteceu. Quando me lembro dele, penso sempre no nome da linha de pesquisa da qual faço parte e o quanto percebo, hoje, com uma certeza muito grande, o quanto ela faz parte de toda essa trajetória e do quanto é significativa para mim enquanto mulher, pesquisadora e professora - Linguagem - Experiência - Memória – Formação.

Por último e mais importante, agradeço a quem estava ao meu lado quando essa ideia tímida e desacreditada de escrever sobre desigualdade de gênero surgiu – meu companheiro Guilherme. De todas as surpresas da vida essa foi a mais grata. Alguém que queria como eu compartilhar a vida, me fazendo crer que eu poderia escrever sobre esse assunto. Que permaneceu no caminhar ao meu lado, me guiando, orientando, incentivando e, para mim, o mais importante de todas as coisas – acreditando em mim. Que cozinhou para mim quando eu não tive tempo, que me trouxe taças de vinho quando eu queria desistir, por achar que não daria certo, que compreendeu minhas ausências e celebrou minhas vitórias. Por lutar, ler, investigar, questionar e responder junto comigo que todas as expectativas que contrariei quando estava na bolha do projeto “seja uma mulher” valeram à pena, pois me trouxeram para junto de quem, sem dúvida, sabe como eu, que nossas batalhas ainda terão que ser todas fruto do quanto cremos na educação, de nossos estudos, de nossas inquietações, de “dois contra o mundo”.

As crianças devem ser ensinadas a pensar e não o que pensar.

Margaret Mead (1901-1978)

RESUMO

Em 1935, a antropóloga norte americana Margaret Mead (1901-1978) publica *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*, na qual, é investigada a vida íntima de três tribos diferentes situadas na ilha de Nova Guiné, da infância à vida adulta. Para a autora, fica registrado a teoria de que as chamadas qualidades masculinas e femininas não são baseadas em diferenças sexuais fundamentais e determinantes, mas sim em reflexos de condicionamentos culturais de diferentes sociedades. De acordo com essa perspectiva, na contemporaneidade ocidental, a representação da mulher, social e culturalmente construída como um indivíduo de características desabonadoras, possui implicações temporais que perpassam diversos contextos históricos, sobretudo o período final da Idade Média e o início da Idade Moderna, estando ainda presente nos dias atuais, disseminada pelas vias simbólicas da linguagem. Essa visão que se manteve no decorrer do processo histórico pode ser interpretada como uma construção social produzida não somente por instituições tradicionais como a escola, a religião e a família, como também pela mídia, com destaque para as redes sociais. Partindo de um olhar sobre a mulher inserida na história, tendo como base o conceito de violência simbólica do sociólogo francês Pierre Bordieu (1930-2002) e sua propagação através dos discursos nas redes sociais, o presente trabalho propõe uma análise desses meios enquanto espaços de formação humana, que utilizam mecanismos através dos quais o estigma social é exposto e reforçado por meio de conteúdos publicados no *Facebook* com marcas linguístico-discursivas da dominação masculina e, conseqüentemente, da violência. O conceito de gênero aqui adotado será instrumento de questionamentos das oposições pertinentes entre mulheres e homens no sentido de apontar a hierarquização cujo polo feminino está na condição de inferioridade. A partir dessa prática interpretativa e teórica pretendemos demonstrar de que modo os discursos androcêntricos constituídos social e culturalmente no decorrer da história continuam presentes nas redes sociais, repetindo e reiterando um discurso antigo e revelador da condição feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero. Formação humana. Violência simbólica. Redes sociais.

ABSTRACT

In 1935, American anthropologist Margaret Mead (1901-1978) published *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*, in which the intimate life of three different tribes located on the island of New Guinea from infancy to adulthood is investigated. For the author, the theory is that the so-called masculine and feminine qualities are not based on fundamental and determinant sexual differences, but rather on reflections of cultural conditioning of different societies. According to this perspective, in Western contemporaneity, the representation of women, socially and culturally constructed as an individual of dissenting characteristics, has temporal implications that permeate various historical contexts, especially the late period of the Middle Ages and the beginning of the Modern Age, being still present today, disseminated through the symbolic pathways of language. This vision that has remained in the course of the historical process can be interpreted as a social construction produced not only by traditional institutions such as school, religion and family, but also by the media, especially social networks. Based on the concept of symbolic violence of the French sociologist Pierre Bordieu (1930-2022) and its propagation through discourse in social networks, the present work proposes an analysis of social networks as a space which uses mechanisms through which social stigma is exposed and reinforced through content published on Facebook with linguistic-discursive marks of male domination and, consequently, violence. The concept of gender adopted here will be an instrument of questioning the pertinent oppositions between women and men in order to point out the hierarchy whose feminine pole is in the condition of inferiority. From this interpretive and theoretical practice, we intend to demonstrate how the androcentric discourses socially and culturally constituted throughout history continue to be present in social networks, repeating and reiterating an old and revealing discourse of the feminine condition.

KEY WORDS: Gender relations. Human formation. Symbolic violence. Social networks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. (Re)abrindo a caixa de Pandora: uma breve história das relações de gênero.....	12
1.1 Considerações sobre sociedades matriarcais: o papel da História na (des)naturalização da violência de gênero.....	19
1.2 O martelo das feiticeiras e a inversão dos mitos: da tradição matriarcal ao silenciamento da mulher nas sociedades patriarcais.....	28
1.3 “ <i>Não se nasce mulher...</i> ”: a ascensão do movimento feminista e sua primavera nas redes sociais	35
CAPÍTULO 2. Relações de gênero e formação humana	41
2.1 O papel das relações de gênero na formação dos valores morais	45
2.2 “ <i>Unos cuantos piquetitos...</i> ”: reflexões sobre dominação masculina, violência simbólica e resistência.....	49
CAPÍTULO 3. Relações de gênero nas redes sociais	59
3.1 As redes sociais como espaço de formação humana	64
3.2 As bruxas do século XXI e a “nova” inquisição das redes sociais	68
3.3 Dialética da dominação: as redes sociais entre a opressão e a emancipação feminina..	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar reflexões sobre as relações de gênero na tentativa de compreender de que maneira o presente se relaciona com o passado. Ou seja, como a dominação masculina e suas raízes históricas relaciona-se com essa mesma violência hoje vista nas redes sociais? No Brasil, por exemplo, antes de abordarmos o tema da violência *online*, é necessário destacarmos brevemente alguns aspectos da História do país. Afinal, a violência que incide desproporcionalmente sobre comunidades negras e indígenas é fruto do longo processo de colonização e escravidão que legou ao país profundas desigualdades além de subalternização com base em estereótipos aos referidos grupos.

De maneira semelhante, observamos que o conservadorismo em relação às questões de gênero e sexualidade também possui raízes profundas na matriz religiosa dos exploradores/colonizadores - o cristianismo - que negou autonomia às mulheres e a própria possibilidade de existência de identidades não heteronormativas. A violência contra esses grupos no contexto brasileiro é, portanto, histórica e tende a atingir pessoas não mobilizadas ou não na sua minimização (DEL PRIORE, 2014).

Esses aspectos não só não se extinguiram como têm tomado outras dimensões nos meios digitais, particularmente se levarmos em conta acontecimentos recentes do contexto brasileiro, que por um lado evidenciam tanto uma onda de conservadorismo com amplo poder de mobilização nas redes, como a criação de sanções legais e projetos de leis que prezam pelo aumento da vigilância contra a violência *on-line*. Por outro lado, notamos também uma efervescência de movimentos sociais que reivindicam direitos sexuais e reprodutivos e problematizam questões sobre aceitação de uma diversidade de gêneros e promoção da igualdade e justiça social visando reparar essas assimetrias históricas.

É importante destacarmos ainda que a percepção da violência no contexto virtual relaciona-se com mobilizações e relatos de situações por ativistas no Brasil, uma vez que contamos com poucos dados sobre o tema (e este, assim como os demais casos de violência de gênero são, muitas vezes, subnotificados). As informações referentes a esse universo são produzidas principalmente por organizações da sociedade civil ou instituições de pesquisa e, apesar de não apresentarem uma mostra representativa da dimensão do problema, trazem alguns indícios sobre a grande quantidade de ataques e a complexidade do problema. De acordo com dados levantados pela ONG *Safernet* do ano de 2016, as violações de direitos humanos registradas por vítimas no portal foram, por ordem de ocorrência: cyberbullying/ofensa (312);

sexting/exposição íntima (301); problemas com dados pessoais (273); conteúdos de ódio/violentos (128) e fraudes/golpes/e-mails falsos (109) (SAFERNET, 2016).

Apesar da relevância de pesquisas dessa natureza ao lançarem luzes sobre esse fenômeno, acreditamos na necessidade de melhor estudá-lo, detalhando uma tipologia que possibilite reconhecer a variedade de manifestações agressivas como violência e maneiras de documentá-las, tendo em vista o contexto de subnotificação¹ e da falta de transparência sobre as respostas dadas pelas plataformas. Tal necessidade está relacionada com a gravidade do fenômeno e com o fato de que a tendência de crescimento no acesso e uso da internet no Brasil é evidente: segundo pesquisa realizada pelo *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação* em 2017, 61% das residências brasileiras possui acesso à internet. Essa proporção equivale a 120,7 milhões de brasileiros e brasileiras, considerando que 87% são usuários frequentes, ou seja, utilizam a internet quase todos os dias e que 77% são usuários de redes sociais (CETIC, 2017).

Tais levantamentos são importantes ao suscitarem reflexões sobre os efeitos das redes sociais na formação dos sujeitos, considerando que esse ambiente virtual representa um novo canal de comunicação e que os conceitos para rede social no mundo real ou no virtual, são os mesmos, suas diferenças são representadas apenas pela forma de conexão:

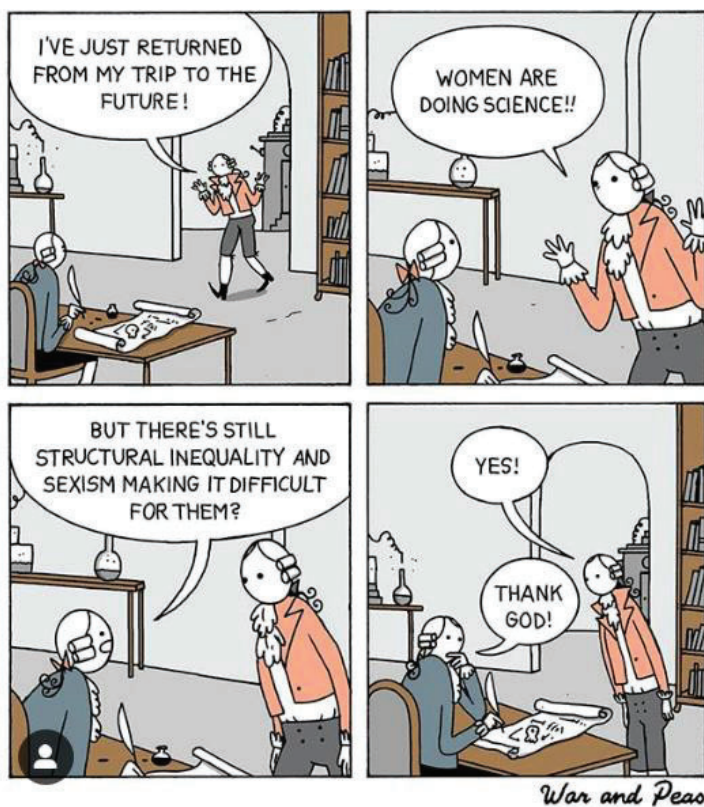
[...] uma rede social é composta de nós (pessoas, grupos, organizações ou outras formações sociais tais como países) conectados por meio de relacionamentos. Comparativamente, uma rede de comunicação é uma rede composta por indivíduos interconectados ligados entre si por meio de padrões de fluxos de informação (PARK e THELWALL, 2008, p.194).

Conforme verificaremos ao longo dos capítulos apresentados, nas redes sociais como o *Facebook*, através dos conteúdos das páginas e também nas interações, sendo elas curtidas, compartilhamentos e comentários, a violência simbólica acaba muitas vezes por perpetuar o estigma social de inferioridade feminina e dar-lhe novos contornos, muitas vezes mascarando uma violência objetiva, travestindo-a e naturalizando-a.

Por fim, o que pretendemos das reflexões apresentadas ao longo desta pesquisa, é um voltar-se histórico que revise antigos mitos; registros históricos de transição matriarcal; as relações de gênero junto à formação humana e seu lugar nas redes sociais, bem como apresentar a dialética da dominação à medida que nos questionamos - se as redes sociais representam um espaço de opressão, seria também através delas possível vislumbrar a emancipação feminina?

¹ A título de esclarecimento, consideramos como subnotificação o fato de não possuímos um número exato de quantos são os casos de violência, pois muitos deles não são denunciados para as autoridades legais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Para esboçarmos as considerações finais, pensemos em uma realidade hipotética⁷, em que um homem, retornando de uma viagem ao início do século XIX, contaria de forma impressionada a um amigo, que, nesse período, na Europa, as mulheres faziam parte da produção do conhecimento científico e até frequentavam escolas. Imaginemos que, em resposta, esse seu amigo perguntaria se acaso no período visitado a desigualdade *estrutural* de gênero ainda existisse e se as questões sexistas estivessem

mantidas, tornando tudo mais dificultoso para as mulheres. Receberia como resposta uma afirmativa e os dois respirariam de forma aliviada.

Imaginemos, ainda, que os dois homens em questão estivessem falando em especial da matemática francesa Sophie Germain (1776-1831), uma ilustração típica do preconceito existente com relação ao trabalho feminino nos meios científicos de sua época. Em 1794, foi fundada a Escola Politécnica de Paris, uma academia de excelência para a formação de matemáticos e cientistas de toda a nação, reservada exclusivamente para homens. Impedida de se apresentar ao conselho acadêmico, assumiu a identidade de um antigo aluno da faculdade, Monsieur Antoine-August Le Blanc. A administração acadêmica não sabia que o verdadeiro Senhor Le Blanc tinha deixado Paris e continuou imprimindo e enviando suas lições, que ela recebia, apresentando, semanalmente, suas respostas aos problemas sob seu pseudônimo. Dois meses depois, o supervisor do curso, surpreso pela transformação notável de um aluno medíocre, que agora apresentava soluções engenhosas aos mais variados problemas, requisitou

⁷ Os quadrinhos com os quais dialogamos em nossa conclusão, foram retirados do site *War and Peas*, de autoria de Elizabeth Pichand e Jonathan Kunz. Disponível em: <https://linsedition.files.wordpress.com/2019/02/war-and-peas-women-in-science.jpg>. Acesso em 28 maio.2019.

um encontro com o aluno aparentemente reabilitado. Germain foi forçada a revelar sua identidade.

Faleceu em 1831 e, embora tenha sido ela, provavelmente, uma das maiores intelectuais que a França produziu, na notícia oficial de sua morte foi designada como uma solteira sem profissão – ao invés de matemática, além de ter sido omitido o seu nome da relação dos setenta e dois sábios cujas pesquisas contribuíram definitivamente para a construção da Torre Eiffel. Seus estudos para estabelecer a teoria da elasticidade foram fundamentais para a construção daquela torre.

Sophie Germain sofreu a violência do esquecimento, do apagamento, do silenciamento por ser mulher. Traduzimos de maneira bastante simples e objetiva: mulheres sofrem violência por serem mulheres. Se os mesmos personagens citados, viajantes do tempo, visitassem os dias atuais com um específico interesse nas ferramentas de comunicação, seriam apresentados às redes sociais, que são, como ponto máximo de nossa análise, uma profunda questão dialética – se por um lado, através delas assistimos um inegável avanço para as lutas feministas, é também através delas que inegavelmente testemunhamos um espaço de continuidade de toda desigualdade de gênero.

Reconhecemos, dessa forma, que a violência de gênero não é um infortúnio pessoal, mas tem origem na constituição desigual dos lugares de homens e mulheres nas sociedades – a desigualdade de gênero –, que tem implicações não apenas nos papéis sociais do masculino e feminino e nos comportamentos sexuais, mas também em uma relação de poder. Em outras palavras, significa dizer que a desigualdade é *estrutural*. Ou seja, social e histórica. Culturalmente, a sociedade designa às mulheres um lugar de submissão e menor poder em relação aos homens. Qualquer outro fator – o desemprego, o alcoolismo, o ciúme, o comportamento da mulher, seu jeito de vestir ou exercer sua sexualidade – não são causas, mas justificativas socialmente aceitas para que as mulheres continuem a sofrer violência.

O que se pretendeu da reflexão apresentada, ao longo deste trabalho, foi uma necessidade de se revisitar antigos mitos, registros históricos de transição matriarcal, as relações de gênero junto à formação humana e seu lugar nas redes sociais, bem como apresentar a dialética da dominação – se as redes sociais apresentam espaço de opressão, é também através delas que será possível vislumbrar a emancipação feminina?

Nos recentes anos, por reconhecermos que a violência de gênero é *estrutural*, reconhecemos também as mudanças na forma como devemos responder a essa violência, atacando não as justificativas, mas as causas. O país tornou-se referência internacional com a Lei 11.340/2006 – a Lei Maria da Penha, cujo diferencial é a forma de abordar o problema,

propondo a criminalização e a aplicação de penas para os agressores, mas também medidas que são dirigidas às mulheres para a proteção de sua integridade física e de seus direitos, além das medidas de prevenção destinadas a modificar as relações entre homens e mulheres na sociedade, campo no qual a educação, o despertar para importância da formação humana, desempenha papel fundamental.

Percebemos que a sociedade se contenta em olhar para justificativas que surgem a partir da violência e não para as causas. E se desejamos mesmo mudar essa realidade, é preciso encarar que a desigualdade de gênero é estrutural das nossas instituições também, e se apresenta como um obstáculo a ser transposto se quisermos tornar o direito formal em direito de fato, universal e acessível a todas as mulheres.

De modo geral, mudamos leis, mas não a forma como as instituições funcionam. O sistema segue atuando de forma seletiva e distribuindo de forma desigual o acesso à Justiça. Existem poucos serviços especializados para atender as mulheres em situação de violência. Faltam protocolos que orientem o atendimento. Falta capacitação para os profissionais cuja atuação é muitas vezes balizada por convicções pessoais e julgamentos de valor que nada tem a ver com os direitos humanos. Cresce um entendimento que dissocia a importância de ensinar gênero e sexualidade nas escolas das políticas de prevenção da violência.

As mudanças continuam a ocorrer como um movimento que ganhou força própria e não tem retorno. Muito tem sido feito para que as leis e políticas possam ser implementadas e mais mulheres encontrem condições para acessar direitos e justiça. Falta avançar em um maior engajamento e comprometimento das instituições, governos e da sociedade para que essas sejam um compromisso de todos e todas, e que o lema, tão visto e presente nas redes sociais - “Nenhuma a menos” finalmente se torne realidade na qual os viajantes do tempo não respirassem mais aliviados, por perceberem que, de fato, a desigualdade *estrutural* de gênero está sendo enfim, destruída.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Os deveres das mulheres cristãs.** Tradução de João Ferreira Almeida. Santo André- São Paulo: Geográfica Editora, 2011. 355 p. Novo Testamento.

A BÍBLIA. **As leis acerca da imoralidade e da idolatria.** Tradução de João Ferreira Almeida. Santo André- São Paulo: Geográfica Editora, 2011. 1110 p. Antigo Testamento.

A BÍBLIA. **A tentação de Eva e a queda do homem.** Tradução de João Ferreira Almeida. Santo André- São Paulo: Geográfica Editora, 2011. 1110 p. Antigo Testamento.

AGÊNCIA BRASIL. **Quarto suspeito de envolvimento em morte no Guarujá se entrega à polícia.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/05/09/quarto-suspeito-de-participar-da-morte-de-fabiane-se-entrega-a-policia.htm#fotoNav=19>. Acesso em 7 jan. 2019.

ALVES, B. M. & PITANGUY, J. **O que é feminismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ARISTÓTELES. **História dos Animais.** Tradução de Maria de Fatima Sousa e Silva. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução: Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOGADO, M. **Rua.** In: Explosão Feminista. In: HOLLANDA, H. B. Explosão Feminista; Arte. Cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** Tradução de Maria Helena Küher. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. **Lei nº 11.340.** 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BRITZMAN, D. P. **O que é esta coisa chamada amor:** identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade. Rio Grande do Sul, Cidade, vol. 21, n. 1, pp. 71-96. 1996.

BYINTON. C A. B. O martelo das feiticeiras à luz de uma teoria simbólica da história. In: KRAMER. H; SPRENGER. J. **O martelo das feiticeiras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

CÂMARA LEGISLATIVA. **Voto Feminino.** Acesso em: 4 dez. 2018.

CAMBI, F. **História da pedagogia;** tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da Unesp (FEU), 1999.

CARRASCO, D. **Crime passional foi criado para perdoar assassinos.** É feminicídio Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/11/por-que-e-preciso-parar-de-tratar-feminicidio-como-crime-passional.htm>. Acesso em 7 jan. 2019.

CARTA CAPITAL. No 8 de março, mulheres preparam greve global. In: **Carta Capital.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-8-de-marco-mulheres-preparam-greve-global/>. Acesso em 7 jan. 2019.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança:** Movimentos sociais na era da internet. São Paulo: Zahar, 2017.

CAVALANI, M. Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa. 7 de mar. 2018. **Portal G1.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 7 jan. 2019.

CETIC. Acesso à Internet por banda larga volta a crescer nos domicílios brasileiros. **Portal CETIC.br.** 2018. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/acesso-a-internet-por-banda-larga-volta-a-crescer-nos-domicilios-brasileiros/>. Acesso em 07/01/2019.

CITRON, D. K. **Hate crimes in cyberspace**. Havard University. Cambridge, Massachusetts, and London, England, 2014.

CHWARTZ, S. **Os sentidos da esterilidade no passado ancestral de Israel**. Tese de Doutorado, Área de língua hebraica, Literatura e cultura judaicas. FELCH, Universidade de São Paulo, 2002.

CODING RIGHTS; INTERNETLAB. **Violências contra mulher na internet: diagnóstico, soluções e desafios**. Contribuição conjunta do Brasil para a relatora especial da ONU sobre violência contra a mulher. São Paulo, 2017.

COFFEY, M. **Images of women in the Ancient world: Issues of interpretation and identity**. Spring, 1998.

COGO, D. **Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais**. Anais do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2004. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/83492578425626428976337410533037421904.pdf>. Acesso em 03/01/2018.

COHEN, J.E. **Configuring the network self: law, code and the play of everyday practice**. New Haven, CT: Yale university press, 2012.

COSTA, C. **Rede**. In: Explosão Feminista. In: HOLLANDA, H. B. Explosão Feminista; Arte. Cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

COSTA, R. Motorista do Uber é preso após estuprar passageira que adormeceu em viagem. In: **Bahz**. Disponível em: <https://bhaz.com.br/2017/05/27/motorista-uber-preso-mg/>. Acesso em 7 jan. 2019.

CYNARA, M. Ator de direita Alexandre Frota expõe e ataca professora nas redes sociais. In: **Socialista Morena**. 2017. Disponível em: <http://www.socialistamorena.com.br/alexandre-frota-expoe-e-ataca-professora-nas-redes-sociais/>. Acesso em 7 jan. 2017.

Debates do “**2º Workshop “Impactos da Exposição de Crianças e Adolescentes na Internet”**” promovido pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) em parceria com a SaferNet disponível em: <http://workshopexposicaonainternet.nic.br/>

DE LA BARRE, F. P. **The Equality of the Sexes: Three Feminist Texts of the Seventeenth Century**. Tradução: Marie le Jars de Gournay. Oxford, OUP Oxford, 2013.

DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DIAS, M. B. **A Lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da Lei 11.340/06 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

DUGGAN, M. **It’s a woman’s (social media) world**. In: Factank News in the numbers. Sep 12, 2013.

EISLER, R. **Sacred Pleasure: Sex, Myth, and the Politics of the Body-New Paths to Power and Love**. San Francisco: Harper, 1955.

ELUFE, L. N. **A paixão no banco dos réus**. 9º ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

Errata da pesquisa “**Tolerância social à violência contra as mulheres**”. Disponível em: http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971&catid=10&Itemid=9. Acesso em 15 jul. 2018.

Estudo “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>

FELIPE, J. **"Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação"**. In: Silva, L.H. (org.). **Século XXI, Qual Conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis, Vozes, pp.167-171. 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. Ed. UNESP, São Paulo, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FRENCH, M. **Beyond Power: On Women, Men and Morals**. New York: The Feminist Press. 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

GRAVES, R. **The Greek Myths**. Reino Unido: Penguin Books. 1955.

HARRIS, M. **Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas: os enigmas da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HARRISON, J. L. **Themis: A study of the social origins of Greek religion**. Reino Unido: Merlin Press, 1963.

HESÍODO. **Teogonia: A Origem Dos Deuses**. 3ª ed. Edição, introdução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOFFMAN, G. Gleisi Hoffmann anuncia projeto para punir injúria por gênero. In: **Senado notícias**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/18/gleisi-hoffmann-anuncia-projeto-para-punir-injuria-por-genero>. Acesso em 7 jan. 2019.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil. 2014. Disponível em: www.ipea.gov.br/.../130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf. Acesso em: 02 dez. 2019.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Violência** contra a mulher: feminicídios no Brasil. 2014 Disponível em:

<www.ipea.gov.br/.../130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2019.

JUNIOR, O. Rossoni e a violência simbólica contra a mulher na política. **Blog Desafinado**. 21/05/2015. Disponível em: <http://desafinado-blog.blogspot.com/2015/05/rossoni-e-violencia-simbolica-contra.html>. Acesso em 10 jan.2019.

JUNQUEIRA, R. J. "**Corpos, Gêneros e Sexualidades na escola: por uma educação** promotora do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero". In: Ribeiro, P.R.C. et al. (orgs.). Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia. 2. ed. Rio Grande, FURG, 2018. pp. 12-26.

KRAMER, H. & SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

LAGE, L & NADER, M. B. Violência contra a mulher: Da legitimação à ondenação social. In: **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LAPIDUS, L.M. **The rights of women: The authoritative ACLU guide to women's rights**, 4th edition. New York: New York University Press, 2018.

LITTLE, A. L. **Human population biology in the second half of the twentieth century**. Current Anthropology. Vol. 53, No. S5, The Biological Anthropology of Living Human Populations: World Histories, National Styles, and International Networks (April 2016), pp. S126-S138. Published by: The University of Chicago Press on behalf of Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. Acesso em 7 jan. 2019.

LOURO, G. L. "**Sexualidade: lições da escola**". In: Meyer, D. E. E. (org.). Saúde e sexualidade na escola. 2. ed. Porto Alegre, Mediação, pp. 85-96. (Cadernos Educação Básica, 4). 2003.

LOVGREN, S. **First Americans Arrived Recently, Settled Pacific Coast, DNA Study Says**. Disponível em: https://news.nationalgeographic.com/news/2007/02/070202-human-migration_2.html. Acesso em: 11 mar. 2018.

LYGOTISKY, L. S. **Mind in Society: The development of higher psychological processes**. London: Harvard, 1978.

MACHADO, I. V. **Da dor no corpo à dor na alma: uma leitura do conceito de violência psicológica da Lei Maria da Penha**. 2013. 282 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)-Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MANSO, A. G.; SAUAIA, A. **Una aproximación exploratoria a la violencia contra la mujer en el Estado de Maranhão (Brasil): ¿debe cambiar la Ley Maria da Penha?** Methaodos: revista de ciencias sociales, v. 3, n. 2, p. 207-220, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17502/m.rcs.v3i2.86>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

_____ **Violencia contra la mujer como mal endémico en la sociedad contemporânea**.

MANDROU, R. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates n. 126).

MARTINS, A. O Direito Romano e seu ressurgimento no final da Idade Média. In: WOLKMER, Antônio Carlos (Coord.). **Fundamentos de História do Direito**. 2ª ed. rev. ampl., Belo Horizonte: Del Rey, 2002. p. 181 a 216.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MELUCCI, A. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes. 2001.

MEYER, D. G. "**Escola, currículo e diferença**: implicações para a docência". In: Barbosa, R. L. L. Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo, UNESP, pp. 257-265. 2003.

MEYER, R. **Assessing the attack threat due to IRC Channels**. Proceeding of the 2006 International Conference on Dependable Systems and Networks (DSN) (Los Alamitos, CA: IEEE Computer Science Society, 2006).

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

MURARO, R.M. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER. H; SPRENGER. J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

NOVINSKY, A. W. **A Inquisição**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conferência de Direitos Humanos**. Viena, junho de 1993. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/viena/viena.html>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Comissão Interamericana de Direitos Humanos**. Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher: "Convenção de Belém do Pará". 9 de junho de 1994. Disponível em: <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

PANKHURST, E. **Freedom or Death Speech**. 13/11/1913. Discursos de la historia a traves de los discursos de sus líderes. Disponível em: <http://www.beersandpolitics.com/discursos/emmeline-pankhurst/freedom-or-death-speech/1429>. Acesso em 10 jan. 2019.

PARK, Han Woo. THELWALL, Mike. Rede de Hiperlinks: estudo da estrutura social na internet. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (Org.). **O Tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PINHEIRO, A.E. **Hesíodo**. Teogonia / Trabalhos e Dias, Lisboa, Imprensa Nacional, 2005.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, História e Poder**. Rev. Social. Polít, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.Pdf>. Acesso em: 21 jul. 2018.

PUPPO, K. R. **Violência moral no interior da escola**: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. USP, São Paulo, 2007.

PRUDÊNCIO, K. Informação e discurso nas ONGs ambientalistas: interpelações para a afirmação de uma demanda cidadã. In: SOUZA, M.A.; L.C.COSTA (orgs). **Sociedade e cidadania**: desafios para o século XXI. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005. pp.97-124.

RAGO, M. **"Por uma educação libertária**: o gênero na nova escola". In: Barbosa, R. L. L. Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo, UNESP, pp. 479-490. 2003.

Relatório “Violência contra a mulher no ambiente universitário” disponível em: http://www.ouvidoria.ufscar.br/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf. Acesso em 01 jan. 2019.

RIBEIRO, S.R. **Departamento de Documentação e Informação da ALESP**, 2012. A mulher e o voto. Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/277_arquivo.pdf. Acesso em: 9 jul. 2018.

RIDENTI, S.; VIANNA, C. **Relações de gênero e escola**: das diferenças ao preconceito. In: Aquino, J. G. (org.). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo, Summus, pp. 93-105. 199.

ROSSI, M. **Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em 7 jan. 2019.

ROZSIKA, P. e GRISELDA P. **Framing Feminism: Art and th Women's Movement 1970-85"** New York: Routledge and Kegan Paul, Ltd., (9. 16) 1987.

SALVADOR, S. F. T. **Gênero na Engenharia: o corpo docente em Curitiba/PR.** 2010. 141 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – PPGTE, UTFPR, Curitiba, 2010.

SARDENBERG, C. M. B. **Feminismo no Brasil atual e atuante.** Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2010/06/feminismo-no-brasil-atual-e-atuante/> 2018. Acesso em: 21 jul. 2018.

SAVIANI, D. **Panorâmica das Tendências e Práticas Pedagógicas.** São Paulo: Alínea, 2011.

SCALZI, J. **The sort of crap I don't get.** August, 31. 2011. Disponível em: <https://whatever.scalzi.com/2011/08/31/the-sort-of-crap-i-dont-get/>. Acesso em: 26, dez. 2018.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Rio Grande do Sul, vol. 20, n. 2, pp. 71-99. 1995.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SAFERNET. Violação de direitos humanos na internet. **Portal Safernet.** Disponível em: <http://indicadores.safernet.org.br/indicadores.html>. Acesso em: 2 de jul. 2017.

SILVA, C. D.; BARROS, F.; HALPERN, S.; SILVA, L. A. D. **Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 107, pp. 207-225. 1999.

SILVA, M. P.; CARVALHO, W. L. P. **O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras.** Rev. Ciência & Educação. Bauru, vol. 11, n. 1, pp. 73-82. 2005.

SILVA, V; LONDERO, J. C. Do matriarcalismo ao patriarcalismo: formas de controle e opressão das mulheres: formas de controle e opressão das mulheres. In: **XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**. 2016, Campina Grande. Colóquio. Campina Grande: Conages, 2016. v. 1, p. 1 - 10.

SIQUEIRA, T. M. **Tirando o pó das palavras**. São Paulo: Editora Cedro. 2005.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, L. de M. e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. Editora São Paulo, 1995, edição 1.

STONE, L. **Hating Hate Speech**. Disponível em: <https://www.blogger.com/hating-hate-speech-safety-kathy-sierra-and-all-women-on-line>. 2007. Acesso em: 26. dez. 2018.

STONE, M. **When God Was a Woman**. New York: The Dial Press, 1976.

TAVARES, F. **#PrimeiroAssedio**: você não está mais só. Revista Época. 06/11/2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primeiroassedio-voce-nao-esta-mais-so.html>. Acesso em 03 jan. 2019.

THINK OLGA. **Hashtag Transformação**: 82 Mil Tweets Sobre O #Primeiroassedio. 2015. Disponível em: <https://olga-project.herokuapp.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>. Acesso em 7 jan. 2019.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOMAS DE AQUINO, S. **Suma teológica**. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2018.

TOMAZETTI, T. P.; BRIGNOL, L. D. **Etnografia e Comunicação: Uma aproximação empírica à experiência da Marcha das Vadias**. V SIPECOM – Seminário Internacional de

Pesquisa em Comunicação, Universidade de Santa Maria, p. 15, out. 2013. Disponível em: http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wpcontent/uploads/gravity_forms/1997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/Artigo_sipecom_tainan.pdf Acesso em: 21 jul. 2018.

VELASCO, T. Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados. 7 mar. 2018. **Portal G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>. Acesso em 8 abr. 2019.

ZETKIN, C. **Selected writings**. International Publishers. 1984.

WEST, R. **Caring for justice**. New York: New York University Press, 1997.

WHITAKER, D. C. A. **Menino-menina: sexo ou gênero?** Alguns aspectos cruciais. In: Serbino, R. V.; Grande, M. A. R. L. (orgs.). A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural. São Paulo, UNESP, pp. 31-52. 1995.

WOITOWICZ, Karina Janz. **A imprensa feminista na luta contra o silenciamento e impunidade: páginas do movimento de mulheres brasileiras pelo fim da violência sexual e doméstica entre os anos 1970/80**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. www.eptic.com.br, vol. X, n. 2, may. – ago. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/artic le/view/191>. Acesso em 21 jul. 2018.